

Um sermão de Frei Francisco de Sampaio: eloquência e patriotismo no início do oitocentos

A sermon by Friar Francisco de Sampaio: eloquence and patriotism at the beginning of XIX century

Maria Renata da Cruz Duran*

Resumo

Frei Francisco de Sampaio (1778-1830) é muitas vezes lembrado por ter sido um dos principais conselheiros de d. Pedro I, entre outros temas, no delicado movimento de independência brasileira. Chega-se mesmo a aventar que a declaração de independência tenha sido escrita em sua mesa de estudos, até hoje conservada no Convento Santo Antônio, no Rio de Janeiro. Infelizmente, não nos é dado conhecer o teor exato das palavras que dirigia ao jovem monarca. Todavia, é possível conhecer o fluxo de suas ideias no contato com a publicação dos poucos sermões que lhe foram atribuídos. A fim de torná-los conhecidos, destacando sua figura para futuros pesquisadores, apresentamos no presente a transcrição de um de seus manuscritos, o *Sermão de ação de graças pela prosperidade do Brasil, pregado a 4 de março de 1822 na Capela Real*.

Palavras-chave: Sermonística. Retórica. Frei Francisco de Sampaio. Rio de Janeiro oitocentista.

Abstract

Friar Francisco de Sampaio (1778-1830) is often remembered for being one of the main advisers of d. Pedro I, among others at the delicate movement of Brazilian independence. It is even reaches guess that the Declaration of Independence was written on his desk studies, today preserved in the Convent St. Anthony in Rio de Janeiro. Unfortunately, we couldn't know the exact content of the words that the Friar has oriented the young monarch. However, it is possible to know the flow of his ideas in contact with the publication of his few sermons. In order to highlighting his figure for future researchers, we present the transcription of one of his manuscripts: the *Sermão de ação de graças pela prosperidade do Brasil, pregado a 4 de março de 1822 na Capela Real*.

Keywords: Semonistic. Rethoric. Frei Francisco de Sampaio. Rio de Janeiro at XIX century.

* Doutora em História pela FHDSS/Unesp – Franca, com a tese intitulada “Retórica e eloquência no Rio de Janeiro (1759-1834)”. Autora de “Ecos do Púlpito. Oratória Sagrada no tempo de d. João VI”, EDUNESP. Atualmente, professora adjunta de História Moderna e Contemporânea na Universidade Estadual de Londrina.

1 Introdução

A sermonística ocupava um papel de destaque como divulgadora de uma noção de patriotismo e de identidade brasileira no Rio de Janeiro do início¹ do oitocentos seja porque a população carioca tinha poucos lugares de reunião², como a Igreja, seja porque no sermão se publicizava opiniões que dificilmente seriam impressas e, caso impressas, pouco lidas, tanto pelo analfabetismo da população, quanto pelo auto custo desse tipo de folhetim³. Neste sentido, a sermonística forneceu uma relevante contribuição para que se forjasse uma *intelligentsia* brasileira⁴. Entre os mais afamados sermonistas da época estava frei Francisco de Sampaio. Alguns de seus biógrafos, como Nabuco de Araújo, costumam assinalar que de sua cela no Convento Santo Antonio foi tramada a independência. O sermão aqui apresentado é sobre este tema: a independência do Brasil.

O padre-mestre Sampaio nasceu em agosto de 1778, na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de

Janeiro. Era filho do capitão Manuel José de Sampaio e de Elvira Maria da Conceição, que morreu quando Francisco Sampaio era ainda uma criança. Em 14 de outubro de 1793, foi aceito no convento da ilha do Sr. Bom Jesus e, em 15 de outubro de 1795, professou seus votos, sendo logo depois admitido no curso filosófico de São Paulo. Em 1799, foi eleito pregador do Convento São Francisco de Assis, onde havia estudado, e também foi nomeado passante para o estudo no Rio de Janeiro, mudando-se em 1801 para esta cidade, onde ocupou a vaga de outro religioso no Convento Santo Antonio. Em 1801, foi ainda ordenado presbítero e nomeado lente de teologia e mestre de eloquência sagrada do colégio São José⁵. Em 1808, foi nomeado secretário da visita geral e pregador da Capela Real, segundo José Tito Nabuco de Araújo:

¹ Esse tema foi mote para a minha dissertação de mestrado, intitulada *Frei Francisco do Monte Alverne e a sermonística no Rio de Janeiro de d. João VI*.

² CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1969.

³ WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário: história da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Pref./Trad. Jamil Almansul Haddad Sirú. Vol. 278.

⁴ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1794 – 1855)*. São Paulo: Cultrix, 1977. E, SOUZA, Roberto Acízelo de. *O Império da Eloquência: Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EDUERJ/ EdUFF, 1999.

⁵ As referências para estas informações estão em: ELLEBRACHT, Frei Sebastião. *Religiosos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil na Colônia e no Império*. São Paulo: Vozes, 1989. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1999. GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. O púlpito no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 92, volume 146, Imprensa Nacional, 1926, Rio de Janeiro. IHGB, Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, volume 7, Imprensa Nacional, 1866, Rio de Janeiro. IHGB. *Biografia (do Ostentor Brasileiro) de Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio*. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 7, 1866. LOPES, Frei Roberto. *Oratória Sacra no Brasil (Do século XVI ao século XIX)*. *Separata da Revista Língua e Literatura*, no. 5. São Paulo: USP/ FFLCH, 1976.

“Dai por diante Frei Francisco de Sampaio tornou-se notável pelo amor que revelava para a tribuna sagrada, e pelo patriotismo manifestado em todas as ocasiões que se tratava das coisas da pátria, o que granjeou pela franqueza com que declarava as suas opiniões, algumas desafeições no convento, o que seguramente contribuiu para sofrer preterições e vexames, a que está sujeito todo o subordinado que revela certa capacidade, independência e coragem, pretendendo defender contra tudo e contra todos os seus princípios e fé política” (ARAÚJO, 1874, p. 195)⁶.

Em 1813, foi eleito capelão-mor de sua Alteza Real e bispo do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi nomeado secretário da província Imaculada Conceição, teólogo da nunciatura e internúncio apostólico; em 1818, guardião do convento Senhor Bom Jesus da Ilha; em 1819, recebeu a confirmação da guardiania; em 1821, ocupou o cargo de definidor da mesa de Consciência e Ordens.

Frei Sampaio foi ainda responsável por um dos mais importantes impressos do Rio de Janeiro nos idos de 1820: o *Regulador Brasílico-Luso*, que começou a circular, impresso pela Imprensa Nacional, em 29 de julho de 1822 e cessou sua circulação, com o nome de *O Regulador Brasileiro* em 12 de março de 1823. Neste periódico publicaria textos tais como o *Manifesto*

do Povo, escrito em 2 de janeiro de 1822, no qual se podia ler:

[...] “os interesses das nações reunidas em um centro comum de idéias sobre o bem público devem ser os primeiros objetos da vigilância daqueles que estão revestidos de caráter de seus representantes [...] a perda da segurança e prosperidade deste rico e vastíssimo continente, ainda começamos a dizer respeitosamente que esta perda terá influência mui imediata sobre os destinos da Monarquia em geral [...] Na crise atual o regresso de sua Alteza Real deve ser considerado como uma providência funesta aos interesses nacionais de ambos os hemisférios” (Manifesto do povo do Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1822 apud LYRA, 1994, p. 204)⁷.

Frei Sampaio, um dos últimos dos grandes pregadores do início do século XIX, morreu em 13 de setembro de 1830. Para Joaquim Manuel de Macedo, Sampaio era importante porque possuía “*uma reunião de qualidades oratórias, que bem poucas vezes se encontram nos ministros da santa palavra, e ainda, sustentavam-lhe o crédito de um orador que honrava sua religião e sua pátria*” (RIHGB, vol. 7, 1866, p. 261). Para Nabuco de Araújo, Frei Sampaio “*não foi só um eminente pregador, foi também um distinto e patriótico cidadão, um dos mais ativos colaboradores da independência*” (ARAÚJO, 1874, p. 208).

O sermão ora apresentado foi encontrado na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional em junho de 2008.

⁶ ARAÚJO, José Tito Nabuco de. Biographia de Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Garnier, 1874, tomo XXXVI, parte 2ª, Rio de Janeiro.

⁷ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. *A utopia do poderoso Império: Portugal e Brasil, bastidores da política, 1879 – 1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

Sua localização na Biblioteca Nacional é I-48,13,36 e sua referência é: SÃO CARLOS, Francisco et al. Oração fúnebre recitada na Igreja da Cruz do Rio de Janeiro, nas exéquias de D. Maria I. Biblioteca Nacional, Divisão de Manuscritos. Neste "endereço", o que se encontra é um caderno no qual um autor anônimo transcreveu seis orações do final do setecentos e início do oitocentos. São elas:

1. Oração fúnebre recitada na Igreja da Cruz do Rio de Janeiro, nas exéquias de D. Maria I;
2. Oração de graças pelo nascimento de d. Maria da Glória, princesa da Beira, recitada por Frei Francisco de São Carlos;
3. Sermão de ação de graças pela prosperidade do Brasil, pregado a 4 de março de 1822 na Capela Real por Frei Francisco de Sampaio;
4. Oração Fúnebre de D. Maria Leopoldina, arquiduquesa d'Austria e princesa do Brasil, recitado pelo arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, na igreja da Santa casa de misericórdia do Rio de Janeiro, em 6 de março de 1821;
5. Sermão de cinza, Frei Joaquim José de Sant'Anna – recitado em 1778, na capela da Universidade de Coimbra;
6. Oração de ação de graças, recitadas no dia 7 de março de 1800, na capela real, dia aniversário da feliz chegada de sua alteza real a esta cidade, pelo padre mestre frei Francisco de São Carlos.

Não pude identificar algumas palavras ou letras do sermão apresentado, no primeiro caso preferi utilizar o seguinte sinal: [...] e no segundo a letra que acreditava ser a mais adequada entre parêntesis. Algumas frases estão em negrito e em itálico, elas foram escritas com tinta mais grossa, provavelmente o dono das anotações reforçou estas palavras com duas mãos de seu nanquim, ademais, elas estavam sublinhadas no original. Em algumas palavras, a grafia foi modificada por mim, por exemplo: substitui o "s" pelo "z" em vizinho e o "e" pelo "i", em morais. Todavia essas alterações não chegam a um número total de 5 modificações. As vírgulas, pontos e espaços entre os parágrafos – como se verá, em alguns casos, se pulou duas linhas no caderno em que o sermão se encontrava, aí, inclui dois espaços também – foram mantidos.

2 Sermão de ação de graças pela prosperidade do Brasil, pregado a 4 de março de 1822 na Capela Real por Frei Francisco de Sampaio

*"Deus me mandou aparecer
entre vós para que não
experimentásseis os flagelos
que ameaçam outros povos;
foi a vontade do Senhor que
me conduziu a este País."
Gênesis, C45.*

"Não é sempre na ordem política que nós devemos ir procurar a causa destes acontecimentos famosos na história das nações que mudando os destinos dos impérios apresentaram a época da prosperidade dos povos. A providência escondendo das nossas vistas os filanos de sua sabedoria parece que em alguns lances deixa cair o véu do seu mistério para que os homens vejam mais de perto a fonte donde saíram os bens de que gozam. Do meio das revoluções das monarquias, do furor dos combates, da queda dos tronos nós vemos romper uma nova ordem de fenômenos que julgaríamos impossível nascerem de semelhantes causas e por isso mesmo, são considerados fora do alcance até onde chegam as idéias dos homens.

Quem poderia pensar, senhores, que a glória do Brasil se manifesta na época das formidáveis convulsões da Europa? Que o plano traçado em Fontainableau para a desgraça de Portugal fosse o mesmo plano da nossa fortuna e da mudança da nossa sorte? Nós temíamos a sombra dessa espada

assoladora que voltando do norte embravecida havia (f)ibrado fartar sua fome, e a sua vingança com os despojos da monarquia portuguesa além dos mares sobre as ilhas, e continentes em ambos os hemisférios; já se nos figurara ouvir de muito perto os vôo das águias, já se nos parecia que víamos o gênio de Duclerc, vítima de nosso patriotismo ainda na infância do Brasil unindo-se com os novos Duqnais Franis... Graças ao céu! O dia 7 de março raiou no nosso horizonte, nós vimos aparecer o senhor d. João IV e ao seu lado o verdadeiro do trono, o senhor de nossas futuras prosperidades podendo-se dizer com mais justiça do que esse ilustre israelita que veio da Palestina salvar o Egito na crise das suas calamidades **"prognisit me Deus ut resermini super terram"**. Seriam por ventura maiores os motivos que fizeram nascer as Olimpíadas e os jogos públicos, que elevaram em Atenas e em Roma os templos, os arcos de triunfo e as estátuas? Não, senhores, outro par deste dia não vejo nos faustos das nações motivos mais fortes para que elas transmitissem de século em século as épocas de sua glória. Roma celebrando o dia, em que veio augusto voltar dos campos d'Accio é uma escrava beijando suas cadeiras diante do soberano que sepultou debaixo do seu trono os últimos galhos da árvore da

liberdade civil: o Brasil do dia de hoje aos pés dos altares lembra-se que foi um escravo e que vendo em seus braços o senhor d. João VI concebeu esperanças de receber a carta de sua emancipação e de sua liberdade. Nós seríamos injustos com o céu se deixássemos passar este acontecimento com o século que o viu nascer ou se nos contentássemos só em transcrevê-lo nas páginas da história. Sim, a presença do senhor d. João VI no Brasil foi o escudo da salvação deste vastíssimo continente ameaçado pelas alterações do termômetro político da Europa, o dia em que nós o vimos abriu-o a suspirada época de nossa futura glória; os ferros coloniais começaram a cair dos nossos pulsos; a franqueza do comércio extinguindo o abominável sistema do monopólio fez ao mesmo tempo que os nossos gêneros de exportação tivessem outro peso na balança das transações mercantis; os estrangeiros procuraram nossa amizade trazendo-nos as riquezas da literatura, das ciências e das artes, firmaram-se os laços de nossa união com Portugal, nós passamos a ser considerados na hierarquia das nações; em uma palavra, Senhores, o Brasil elevado ao grau das monarquias adquiriu o direito indisputável de oferecer para o futuro a majestosa perspectiva da soberba Tiro, ou de um Corinto pela abundância de suas riquezas. Confessamos pois que foi Deus que nos mandou o Senhor D. João VI para que nós não experimentássemos as desgraças que sofreram outros povos:

Paralellus, Recife, v. 6, n. 13, p. 515-528, jul./dez. 2015.

progmisit me Deus. São estes os motivos das nossas presentes ações de graças fundadas, como louvou mostrar, sobre as vantagens que nós recebemos e ainda temos a receber. Feliz eu se puder atrair os ânimos daqueles que desconfiam de nossa futura prosperidade, tendo na energia do príncipe regente, e no penhor da Constituição da Monarquia os títulos mais capazes de firmar suas esperanças. Ó Deus, Tu conhece que o meu interesse sobre a glória do Brasil não nasce de pretensão nem de vistas particulares e por isso é merecedor de sua aprovação, dirige portanto as minhas idéias, que elas saindo dos pórticos do tempo se espalhem por todas as províncias deste continente e que vinha de longe mostrar os sentimentos do Brasil na época atual, em que se fazem esforços para que ele retroceda da mocidade do estado de infância; vejam os legisladores o que nós somos, para que mudando de plano concordem no que de justiça e de necessidade absoluta devemos ser. Senão...ó Deus!

Em princípio:

Nós devemos acreditar como um dos grandes sábios dos nossos dias que no momento em que a América aparece diante de si ilustre aventureiro que a procurava arcanjo de Céus, e sobre mares ainda virgens para a navegação a Europa fez uma pausa em sua carreira pública e moral; e que as pertencias, a quem pertenceram os domínios deste

continente-marcado e dividido pela linha fatal do célebre Alexandre 6º começaram-se a decair de sua glória. Se a filosofia nessa época tivesse chegado à esfera, em que nós a vemos, ou se mais ocupada da prosperidade do que das disputas escolares tivesse dilatado suas visitas sobre a futura influência da América diria aos soberanos que os deixassem em repouso os impérios dos incas e montezumas, como pretendem o famoso Carlos 5º da mesma época da descoberta da América, ou que desviando dos seus campos o formidável aparato das conquistas abrissem os caminhos da amizade e da beneficência para se fraternizarem com essas nações. Marcha seguida por inteiramente oposta a este plano: viram-se cobertas de sangue essas províncias, que não tinham outro crime mais do que o de não haverem sido desde o seu princípio escravas: veio-se a intriga, o crime, a ambição, [...], as virgens do templo do sol sacrificadas à incontinência dos conquistadores, veio-se enfim o carro do despotismo rodando em triunfo sobre os corpos de mil vítimas porque desconhecendo o poder do chefe da Igreja, e os direitos do Rey d’Espanha recusaram com toda a justiça entregar os pulsos às cadeiras da escravidão. Portugal mais cheio de humanidade não ofereceu estas cenas no Brasil, mas deu-lhe um sistema de governo próprio para conservarem uma perpétua infância, não se lembrando que nenhuma das suas providências poderia ligar para sempre

as forças dum porvir que d’ano a ano avançava para o estado de sua madureza, o que algum dia pelo desenvolvimento da sua indústria, pela fecundidade do seu solo, pelo aumento da sua população, pelo giro das suas riquezas chegaria a um ponto de romper os laços de sua dependência, ou de clamar novas leis acomodadas as suas circunstâncias físicas e morais.

Que comoções tão violentas, não experimentaram as províncias do meio dia da América quando viram ao longe sobre as ondas do Delassare e do Mississipi refletirem os passos com que as colônias do norte incendiaram os monumentos de sua escravidão erguendo sobre as ruínas os troféus de sua independência? Que abalo não sentiram vendo as forças da Grã Bretanha caírem nos campos de Maryland e de Lexynton, e o sangue dos escravos correndo aos pés do tronco da árvore da liberdade? Nós sabemos, senhores, quais são os efeitos que produzem os vulcões, estes não são fatais só nos lugares onde rebenta, levam muito ao longe os seus estragos, e se os edifícios não caem, ficam ao menos muito pouco firmes em seus alicerces. No mundo moral as revoluções dos Impérios influem mais ou menos sobre a marcha das nações, se elas são felizes no seu resultado ficam servindo como de modelos para todos os projetos, que se tentarem contra o antigo sistema do governo; se abortam, oferecem contudo à política grandes motivos para

reformular o seu plano de legislação, desviando todas as causas donde nascem as comoções populares. Medidas opressoras nunca poderão conter os povos conquistados; em todos os tempos eles só conservaram suas cadeias enquanto se não oferecem ocasião favorável para os conter. Não podem sufocar os sentimentos desta nobre indignação que os obriga a cobrirem duma raivosa espuma os perros de seu cativo; rompido uma vez o laço da dependência a opinião pública até ali comprimida sai a campo com todos os recursos de sua defesa, o entusiasmo, o interesse geral enchem os vazios da força física, aparecem novos franklins, novos [...] homens obscuros se transformam em Guilhermes Tells e tanto mais estes povos se acham distantes dos conquistadores quanto fazem mais formidáveis e depois de reiterados espaços invencíveis. Roma conheceu já mui tarde o sopro impolítico que havia dado desprezando as recomendações dos testamentos d'augusto sobre a conservação do império nos limites naturais em que ele o deixava; suas colônias além destes marcos engoliram por muitas vezes as legiões mais aguerridas, que as iam enfeitar; na velhice da gloriosa monarquia d'otaviano esses povos nunca domados, nunca verdadeiramente amigos fizeram de suas cadeias lanças e espadas e vieram romper a púrpura dos césaes dividindo entre si os despojos da sua antiga senhora. É assim, diz

eloqüente Padre da Igreja da França que os maiores impérios do mundo vem a seu tempo, e cada um por sua vez pagar o seu tributo à imutabilidade daquele que marca o dia, em que devem padecer e cair as mais respeitáveis monarquias.

Era bem de esperar, senhores, que a revolução da Europa mudando a face das antigas nações do hemisfério viu-se também influir sobre as providências da América; a filosofia já havia passado além do Atlântico e penetrado até o centro dessas regiões defendidas pelo oceano, e pelo mar pacífico: um golpe de vista lançado sobre sua população, sobre suas riquezas, e sobre a alternativa, em que elas se consideravam ou de vergarem o colo diante de um novo senhor, ou de se aproveitarem das vantagens que teriam proclamado sua independência e sustentando-a com firmeza decidiu de sua sorte e decidiu por uma vez. Tais em os quadros, senhores, que tinha diante dos seus olhos o Brasil menos abundante em recursos de defesa, porém mais favorecido por sua posição natural; menos fecundo em população, porém contando com os braços dos seus vizinhos e com a energia dos seus habitantes; igualmente vexado pelo antigo e assolador sistema, que monopolizava o seu comércio, que entorpecia a sua indústria, e paralizava as suas forças, quando ele já conhecia pela balança mercantil a superioridade, que lhe davam os gêneros de sua exportação e tinha esperanças de

engrossar ainda mais a artéria onde circulavam as suas riquezas. As circunstâncias políticas em que Portugal se achava ameaçado pelo tirano da Europa, e já em esperar de ser invadido eram bastantes para justificar todos os passos que o Brasil desse a fim de mudar sua sorte evitando pela instalação de sua independência a desgraça de cair debaixo dos ferros de novos senhores, que fariam passar rapidamente da mocidade à decrepitude. Mas em que abismo de males e de calamidades nos não lançaria o sistema de independência? Por quantas alternativas não teríamos passado primeiro que se assentasse em bases sólidas esta mudança regeneradora? Quantas vítimas sacrificadas? Quantas esposas no triste estado da viuvez? Como se poderiam oferecer ao mesmo tempo soldados para nossa defesa, braços à agricultura e ao comércio, sem estes recursos que sustentam as forças das monarquias como se poderiam alimentar aqueles, que abandonando seus lares e seus campos viessem em nosso auxílio? Em que estado estava a nossa marinha para resistir a invasão dessas potências formidáveis por suas forças navais e todas com os olhos em uma presa tão lisonjeira? Deus onipotente, tu apartaste de nós estes flagelos ameaçadores fazendo aparecer entre nós sempre augusto senhor d. João VI e o herdeiro do trono, vingador da nossa causa e tão publicamente interessado pelos progressos de nossas futuras

prosperidades, digam embora os políticos que a invasão dos satélites do despotismo em Portugal foi o motivo da resolução tomada pelo soberano, se eles vissem as circunstâncias do Brasil, se considerassem no estado de sua exasperação mudariam de linguagem confessando que esta resolução havia sido inspirada pela sabedoria de sua providência; diriam altamente à face do universo que o soberano fora mandado ao Brasil para servir de escudo aos seus habitantes e segurar ao mesmo tempo a unidade desse continente com Portugal por meio de uma nova legislação inteiramente oposta à política colonial, ***prognisit me Deus ut reservnini superterram.***

Se entre as sombras dos mortos, senhores, os movimentos deste mundo fazem alguma impressão, eu creio que saltaria de prazer a sombra deste Ministro respeitável, que em outra época havia inspirado ao senhor D. José I o projeto de passar ao Brasil servindo-se então das confusões vulcânicas que abalaram a corte de Lisboa para vir conter as comoções morais, que nas cidades futuras aparecerem neste continente. As vistas de sua política descobriram os progressos que faria no espaço d'alguns anos o Brasil marchando para o zenith de sua glória, e já conhecem que a ponta da cadeia que ligava a colônia à sua metrópole já estava muito enfraquecida, e que só a esperança do soberano com um novo

plano de governo poderia eletrizar os anéis de sua relação com Portugal. Esta providência própria dum gênio verdadeiramente político teria elevado a fortuna da monarquia portuguesa a um ponto de prosperidade incapaz de a remir da dependência dos estrangeiros: só assim a nação, o país clássico dos Albuquerque e dos Pachecos tornaria a adquirir o verniz de sua primeira mocidade e não teria chegado a sua fatal decrepitude donde pretende sair, mas não vos lembreis hoje dos erros da administração econômica que não desejam ver a influência que deu ao Brasil a augusta pessoa do senhor D. João VI os Reis só são felizes, só podem fazer a prosperidade dos povos quando aparecem no seu gabinete ministros tais como os Sulis, os Holletes, os Kaunitz, os Pits, os Pombais e Oxensternes: ainda assim é necessário que corram muitos anos para que as monarquias subam à altura em que se deseja que elas fiquem. Nós não tivemos esta fortuna, triunfaram os Sejanos, ou Gouveias, os Rufinose os Fouquets, mas apesar de todos estes obstáculos cresceu a força física e moral do Brasil, dilatou-se o Império da opinião pública, conheceram-se as riquezas deste continente, de que muitos e até legisladores só formam idéia pela carta corográfica, veio-se tudo quanto prometia a robustez de sua mocidade, espalharam-se as idéias liberais e o soberano convencido de que o Brasil era digno de subir à ordem das monarquias abateu-o do sistema colonial fazendo-o

de suas ruínas um novo troféu para sua alegria e cingiu-o a frente do seu antigo escravo com o diadema dos reis para sempre, para sempre. Liguem-se embora todas as forças do ciúme e da rivalidade para lhe roubarem esta insígnia d'honra, poderá perder em uma batalha a coroa, mas noutra a reconquistará com maior glória, porque os povos depois de conhecerem as doçuras e as vantagens da liberdade civil farão sempre os maiores esforços para a conservarem e as reações na ordem política farão em todos os tempos formidáveis.

Permiti-me, senhores, que eu faça uma reflexão; que me não parece deslocada. O supremo arbítrio dos impérios não consente às vezes que saiam a luz dos projetos mais justos reservando para outras épocas, e para outros sujeitos a glória de os desempenhar. David tão célebre por sua piedade pretende elevar esse templo, que os romanos viram com assombro e que não se atreveriam a destruir se Deus não houvesse decretado sua queda. No momento em que o soberano se dispunha a lançar a primeira pedra um profeta lhe suspendeu o braço dizendo-lhe que deus reservava a seu filho esta grande obra. Correram os tempos e Salomão subindo ao Trono ergue este edifício que seu pai não pode começar. Jerusalém mudou de face, os estrangeiros procurarão sua aliança, o rei de Tiro entrou em sua amizade, as ilhas, os mares, as nações mais remotas

obedeceram a sua vez, Ofir lhe deu imensos tesouros, o Líbano, o Samir, e o Hernam madeiras preciosas, seus navios cobriram os mares, e Jerusalém ganhou o nome de Princesa das Nações. Sim, meus senhores, o dia 7 de março ainda será mais célebre para o futuro quando unido com o dia 9 de janeiro – nos mostrar o Brasil elevado a este ponto de glória que lhe promete a energia do grande príncipe a quem deus reservou o direito de fazer a fortuna deste continente. As primeiras pedras já estão lançadas entre toda a extensão do terreno onde dominava o despotismo ministerial; as nossas províncias são convidadas para virem deliberar sobre a prosperidade dos povos debaixo desses mesmos pórticos onde eles apareciam de rastos com suplicas, com representação, que validos infames desviaram dos ouvidos do soberano quando as mãos dos suplicantes senão mostravam cobertas dourado: a Indústria, o Comércio, a Agricultura, a Navegação, as Artes e as Ciências já têm lugares designados em roda do príncipe criador, que as espera para atender aos seus planos e realizá-los: um novo Turgot, ministro dos negócios do reino, um desses homens raros que dão glória à sua Pátria, assim como a todas as Nações que os admiram e que a posteridade tem pesar de só não haver conhecido, aparece ao lado do príncipe com a frente cingida dos louros que a Europa lhe ofereceu na brilhante carreira de suas viagens literárias: os novos gênios das finanças, da guerra e

da marinha, conhecidos por sua probidade, por seus talentos e por sua filantropia apresentam suas idéias para se reformarem os abusos, que se haviam introduzido em suas repartições pela inépcia dos seus antecessores. Habitantes do Brasil, nação privilegiada, que com a presença do senhor d. João VI ficastes a abrigo dos males, e dos flagelos que fizeram gemer a Europa por tantos anos, e que no dia 9 de janeiro pela heróica e primeira resolução do augusto príncipe real decidindo-se a ficar entre nós para garantir a posse das nossas atribuições e promover a nossa felicidade, recebestes novos escudos não serão incipientes estas providencias para animar nossa confiança? Não serão estes os bens, que vós esperais pela constituição da monarquia portuguesa? Poderá ela deixar de aprovar estas medidas tão necessárias para segurança de nossa união com Portugal?

Deixemos, senhores, deixemos bramir esses gênios [atavilares] que sonham ao meio dia julgando que se procura entronizar o antigo despotismo: o Brasil entrou na marcha geral, que faz aparecer em movimento a grande família do gênero humano: os povos estão hoje e muito iluminados, e os soberanos convencidos que não poderão ser como os dionísios em Saragoça e os pigmaliões em Tyro; se os neros, os calígulas, os luíses undécimos, os felipes segundos surgissem dentre os mortos nesta época tornariam logo a descer aos túmulos confessando que não eram próprios para

uma cidade tão fecunda em princípios liberais; esperemos portanto, senhores, que se assentem as bases do grande edifício de nossa prosperidade, as monarquias descem rapidamente para o abismo de sua queda, e quando se erguem é com grande dificuldade, nem todos são capazes de as levantar, mas se encontram homens hábeis, como nós hoje vemos no ministério, é preciso descansar sobre a garantia dos seus talentos, não mostre-nos a impaciência desses enfermos, que chegarão à boca do túmulo; mas porque conservaram esperanças de saúde já querem aparecer de pé nas praças, e nos lugares de prazer. Nós temos a incomparável fortuna de possuir um príncipe infatigável que nos trabalhos é um homem superior às forças da natureza, nos perigos um herói, no meio dos infelizes um pai, no meio do seu povo um amigo: um príncipe com toda a resolução de nos fazer ditosos e que dentro de pouco tempo terá o gosto de mandar dizer a teu augusto pai o mesmo que esse anjo salvador do Egito pedia que expusessem ao seu filho: ***nunciate patri meu universam gloriam meam, et cuncta quo vidisti.***

Deus de bondade, aceitai estas ações de graças, que vos são devidas e que nós vos oferecemos com as mais públicas demonstrações de nossa gratidão, nós vimos no dia 7 de março que a glória do Brasil era um dos objetos das vistas de nossa providência, e esperamos que se não mudem vossas

idéias a nosso respeito: abençoai os planos da regeneração política e naval deste vastíssimo continente, que não devia ser escravo depois de receber o nome de terra da Santa Cruz, e ficar a sombra do estandarte que remiu o mundo. Mostrai vossas misericórdias com o soberano, que veio quebrar os ferros de nossa humilhação na época justamente em que eles já começavam a estalar em nossos pulsos: suba, suba a vossa presença o rumo das nossas oblações, e fazei refletir sobre o diadema que cinge sua frente o brilho com que aparecem no berço da monarquia. Dirige o príncipe que fiel nos decretos de vossa providência sobre os destinos futuros do Brasil mostrou as nações da Europa no dia 9 de janeiro que os planos da política não devem ser realizados quando se opõe aos interesses dos povos, ajuntai dos troféus que ele já adquiriu novos troféus, e para todos tenham por divisa: tranqüilidade, união, energia, interesse pelo seu público; que a vossa sabedoria presida no seu conselho e que no meio dos balanços que ainda mostra o furor da tempestade donde se salvou o navio da pátria, apareça a prudência d'aqueles que estão encarregados da administração - pública.

Abençoai também o ventre da Esclarecida filha dos cézares, que veio aumentar o esplendor da augusta casa de Bragança, dai-nos a satisfação de ver sair a luz um príncipe, que venha enxugar as lágrimas do Brasil, e terminar sua indignação contra os

nativos da perda que sofremos no dia 4 de fevereiro. E por último, ó Deus, apartai da pessoa do príncipe regente esses punhais disfarçados, que o rodeiam; [cine] o seu trono com os corações dos seus súditos, e se entre eles aparecerem alguns rebeldes, daí-lhes novos corações e que cada um no

meio deste povo seja o centro da tranqüilidade, e união, que tanto desejamos. São estes os nossos votos e são dignos de vós porque são sinceros, verdadeiros e oferecidos com todo o entusiasmo de nossa piedade. Assim seja.”

Recebido em: 28/09/2015.
Aceito para publicação em: 01/12/2015.